

Memórias e tradições culturais: demarcadores de identidades e de territórios quilombolas no Espírito Santo¹

Oswaldo Martins de Oliveira (UFES)²

Introdução

Este artigo é um dos resultados do projeto de pesquisa “Africanidades Transatlânticas: cultura, história e memórias afro-brasileiras a partir do Espírito Santo”³ e tem por objetivo analisar as memórias sobre as chamadas “tradições” culturais a partir das narrativas de vida e trajetórias de mestres de saberes de comunidades tradicionais e quilombolas. A partir do ponto de vista de tais mestres, o presente artigo analisará também suas demandas por direitos étnicos ao território, ao patrimônio cultural e às políticas públicas de titulação das terras dos quilombos e de reconhecimento e salvaguarda do patrimônio cultural. Os dados analisados são provenientes do mencionado projeto de pesquisa e, em termos metodológicos, foram realizadas entrevistas, participação e observação em eventos organizados pelos mestres e lideranças, como nos denominados “bailes de congos de São Benedito” e “rodas de jongo”.

Cabe destacar que o conceito de memória é usado aqui a partir de Pollak (1989 e 1992), e não está relacionado às concepções das memórias oficiais, mas sim das memórias subterrâneas e silenciadas, que sempre vêm à superfície em momentos oportunos. Destacamos ainda que essas memórias estão relacionadas a lugares, pessoas-personagens, datas e eventos sociais. Ressalto também o termo de narrativas de vida, que é um conceito teórico-metodológico ligado à etno-sociologia de Bertaux (...), que

¹ Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020.

² Professor Associado de Antropologia no Departamento e no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Pesquisador filiado à Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e ao Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB) da UFES e coordenador do projeto de pesquisa Africanidades Transatlânticas.

³ O projeto vem sendo desenvolvido junto às comunidades quilombolas e agrupamentos culturais afro-brasileiros no Espírito Santo. A pesquisa é uma parceria celebrada pelo Termo de Cooperação 002/2018 entre a Secretaria de Estado da Cultura (SECULT), a Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (FAPES) e a Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). A pesquisa é regida pela Resolução nº 210/2018 e pelo Termo de Outorga 314/2018, e conta com financiamento da FAPES e SECULT.

consiste em associar as técnicas metodológicas dos estudos de caso da antropologia e as da generalizações da sociologia, destacando sempre que o que importa é que o entrevistado narre suas próprias experiências de vida.

A partir da análise dos dados, é possível apresentar a síntese de quatro resultados conclusivos de diferentes dimensões desses eventos festivos tradicionais quilombolas e de suas memórias, a saber: 1º) As memórias dos mestres remetem aos antigos e novos lugares de realização de eventos festivos em territórios de quilombos no Estado do Espírito Santo, que aqui são analisados como lugares de memórias, de práticas e tradições culturais; 2ª) As lembranças de lugares/territórios do passado, bem como das tradições culturais praticadas nesses lugares, são acionadas como elementos demarcadores do pertencimento às comunidades quilombolas e aos seus territórios, configurando-se como símbolos de identificação étnica; 3ª) Os eventos festivos podem ser considerados momentos importantes para rever amigos e parentes, bem como para estabelecer e consolidar laços de parentesco, pois neles tem ocorrido acordos de alianças matrimônias entre os futuros cônjuges e suas famílias; 4ª) Nos eventos festivos, sobretudo aqueles dedicados a São Benedito, ocorrem discursos políticos de denúncia de expropriação dos territórios quilombolas, dos descasos das autoridades políticas e governamentais em relação à saúde, à educação, aos transportes e à geração de emprego, não apenas aos quilombolas, mas a todos os brasileiros. Uma descrição e análise mais detalhadas dos dados serão apresentadas a seguir a partir das narrativas de vida de dois mestres das chamadas tradições culturais existentes na vila de Itaúnas.

No presente artigo, apresentarei uma breve explicação do que vem a ser o jongo ou “rodas de jongo” e uma explanação inicial sobre o que se entende por Baile de Congos de São Benedito. Em seguida descreverei e analisarei as memórias sobre dois bailes de congo: o Baile de Congos de São Benedito de Itaúnas, liderado pelo mestre João de Deus Messias Falcão, e o Baile de Congos de São Benedito do Quilombo do Angelim, liderado pelo mestre Caboclinho.

1. As Rodas de Jongo

Conforme escreve Oliveira (2016), o jongo é uma prática cultural criada no Brasil, no século XIX, pelas capacidades poéticas e artísticas de africanos de origem bantu e por seus descendentes, que foram escravizados nas fazendas de café na região Sudeste do

país. Desde 2005 o jongo foi reconhecido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) como patrimônio cultural brasileiro. Esse reconhecimento foi precedido por um conjunto de mobilização política dessas comunidades jogueiras encontros que organizaram no Rio de Janeiro e em São Paulo desde 1996 para discutir a especificidade dessa tradição cultural. No norte do Espírito Santo, o termo jongo se refere às cantigas entoadas nas denominadas “rodas de jongs”, onde o tambor é o principal instrumento tocado nessas rodas, que são realizadas por grupos de jogueiros que se reúnem, liderados por mestres, para tocar instrumentos musicais (tambor, ganzá ou reco-reco), dançar e cantar. Os jongs constituem uma prática cultural e/ou celebração festiva antiga nos quilombos do Espírito Santo.

Na vila de Itaúnas existem dois grupos de jongo. O mais antigo, que reivindica sua origem no século XIX, na antiga Fazenda Itaúnas, se denomina Jongs de São Benedito e de São Sebastião de Itaúnas, e tem como mestre Benedito Conceição Filho, e realiza suas apresentações na praça da vila por ocasião da festa de seus padroeiros em datas que se aproximam a 20 de janeiro. O segundo grupo foi criado recentemente sob a liderança de Lucas Maia, sendo denominado Jongo de Santa Isabel, e realiza seus ensaios e apresentações no sertão, ao lado da igreja da mesma santa, nas proximidades das ruínas da antiga Fazenda Itaúnas.

2. O Baile de Congos de São Benedito

O Baile de Congos de São Benedito é uma tradição cultural considerada das comunidades quilombolas por suas lideranças, sendo ele mais conhecido como Ticumbi. No município de Conceição da Barra existem quatro grupos, que realizam suas festas todos os anos entre 30 de dezembro e 20 de janeiro, mas este artigo se refere apenas a dois grupos da vila de Itaúnas. Esses bailes são celebrações festivas em homenagem a São Benedito que vem desde meados do século XIX. Ele é considerado pelos mestres uma tradição cultural que os africanos trouxeram da África e que foi recriado pelos quilombolas nas proximidades da vila de Itaúnas. O baile é um ritual composto de danças, cantos e discursos dos reis e secretários denominados embaixadas, acompanhados aos sons de violas e pandeiros, sendo os grupos formados por 18 personagens, sob a liderança do mestre. Esses integrantes são denominados congos, reis, secretários, violeiros e porta-estandarte. Todos se vestem de branco e portam capacetes enfeitados com flores e fitas coloridas na cabeça. Sobre as roupas brancas eles cruzam

em seus ombros e peitos fitas coloridas, como uma espécie de proteção. Os secretários e embaixadores dos reis, além de portarem espadas e mantos de chita colorida, levam sobre suas cabeças capacetes confeccionados em forma de animais terrestres e aquáticos, como peixes e dragões.

O baile representa a “guerra” entre dois reis africanos, o Rei de Congo e o Rei de Bamba e seus respectivos secretários. A guerra acontece porque o primeiro rei, convertido ao catolicismo colonial português, proíbe o Rei de Bamba e seus seguidores a realizarem a festa de São Benedito, classificando este rei como pagão. A celebração do baile termina com o Rei de Congo batizando, a força, o Rei de Bamba, como ocorria com os africanos escravizados ao serem desembarcados no Brasil. No entanto, o Rei de Bamba revida o Rei de Congo em seus discursos, afirmando que ele só foi batizado por estar fora de sua terra, caso contrário, o rei opositor não lhe batizaria.

3. Lugares de memória e de rodas de jongos e bailes de congos: da senzala ao quilombo e do sertão à vila

Conforme verifiquei na memória dos mestres e integrantes mais antigos dos bailes de congos, os lugares do passado onde ocorriam os ensaios e as festas dos africanos e seus descendentes escravizados, bem como dos quilombolas, ocorreram primeiro nas senzalas, depois nos quilombos existentes nos sertões e por último nas praças em frente às igrejas das vilas e das sedes dos municípios, principalmente naquelas praças de igrejas onde se encontravam imagens de São Benedito. Posto isso, faço agora uma breve digressão na memória e na história sobre as tradições culturais e o surgimento da vila.

Três mestres de bailes de congos e jongos, em momentos distintos, guiaram-me em visitas ao sertão, onde vivia Pedro Bongado – mestre do Baile de Congos de São Benedito do Bongado -, e às ruínas da antiga Fazenda Itaúnas, para narrarem suas memórias em relação à origem do jongo e dos bailes de congos de São Benedito que existem na vila. Essas ruínas, assim como o denominado sertão onde existiam os quilombos do passado, podem ser considerados “lugares de memória” (NORA, 1992; POLLAK, 1992) e de surgimento das tradições culturais do jongo e dos bailes de congos existentes na vila.

Um dos primeiros registros históricos sobre Itaúnas vem do relatório de viagem do príncipe Maximiliano (1940), entre 1815 e 1818, quando este naturalista austríaco percorreu com sua expedição o litoral brasileiro, entre o Rio de Janeiro e a Bahia, passando pelo Espírito Santo. Ao passar por São Mateus, no qual incluía a Barra de São Mateus (atual cidade de Conceição da Barra), mencionou a existência de 20 famílias de índios na vila de Santana, e também dos que viviam na Fazenda das Itaúnas, de propriedade de Marcelino da Cunha, ouvidor da comarca de Porto Seguro. Em relação à população negra - denominada por ele como “gente de cor” - escreveu que em São Mateus se dedicavam ao cultivo da mandioca e à extração de madeira. Ao passo que sobre a Fazenda Itaúnas, escreve que os índios e os negros ocupavam miseráveis choupanas, eram responsáveis para cuidar do gado e fabricavam aguardente de caju e de abacaxi. Segundo o relato do príncipe, ao aproximar-se do local, a comitiva ouviu toques dos tambores dos negros, que em sua opinião, tentavam conservar os costumes do seu país de origem através de festas, danças, instrumentos musicais, pinturas corporais e vestes.

Posteriormente, segundo Russo (2007), essa fazenda passou a pertencer ao Coronel Olindo Gomes dos Santos Paiva, conhecido como Barão de Timbuí (título que recebeu em 1874), que é um dos personagens do passado muito mencionado nas memórias dos congos, jongueiros e quilombolas da vila e do entorno da vila de Itaúnas. Apesar de sua riqueza e poder políticos em São Mateus, representando a vila da Barra de São Mateus, o Barão nunca casou e não deixou herdeiros e seus ex-escravizados permaneceram e constituíram famílias nas terras da fazenda após sua morte, o que fez com que ele permanecesse na memória dos descendentes de seus ex-escravizados e quilombolas do sertão de Itaúnas.

Os negros que viviam no sertão, ao que relatam os atuais mestres dos bailes de congos e de jongos, transitavam entre o sertão e a antiga vila de Itaúnas vendendo farinha para comparar outros gêneros alimentícios. Com a chegada das empresas de monocultura de eucaliptos nas décadas de 1960 e 1970, muitos desses negros e quilombolas perderam as terras que ocupavam e foram forçados a migrarem para a vila e para as periferias de Conceição da Barra e São Mateus, mas o sertão nunca saiu de suas memórias.

Em meados do século XX, por volta de 1960, devido aos desmatamentos na região para o plantio de eucaliptos, acelerou-se a velocidade dos ventos, ocasionando nos anos seguintes o soterramento da antiga vila de Itaúnas pelas dunas de areia. Com isso, as

imagens dos santos, inclusive a de São Benedito, que existiam na igreja da vila foram levada para a sede da Diocese de São Mateus. Certa vez, segundo a memória dos mestres, o delegado Pitônio que trabalhava em São Mateus, viu um padre lançando a imagem de São Benedito na lata de lixo, quando então solicitou a imagem para ele e construiu uma capela para o santo em seu sítio na localidade de Cedro, no sertão de Itaúnas, onde o Baile de Congos de São Bendito do Bongado, passou a realizar as festas. Com a morte de Pitônio, os herdeiros decidiram vender o sítio, e seu filho Andronino Binduca tornou-se o guardião da imagem de São Benedito, mas mudou-se para o município de Pedro Canário. Diversos congos integrantes do Bongado entendiam que deveriam festejar São Benedito neste município, porque a imagem do santo que pertencia aos congos, havia sido levada pra lá. É neste momento que a organização negra e quilombola ligada a devoção a São Benedito, denominada Baile de Congos de São Benedito do Bongado, tem sua primeira cisão, como veremos nos próximos itens.

4. João de Deus Messias Falcão: da herança do mestre Antero à sucessão atual no Baile de Congos de São Benedito do Bongado

João de Deus Messias Falcão nasceu em 09 de março de 1949, filho de Pulchério Alves dos Santos, conhecido como Antero, e de Sidalina Falcão dos Santos, ambos já falecidos. João é casado com Ana Maria Falcão, com quem tem seis filhos/as, quatro homens e duas mulheres, dos quais dois participam do Baile de Congos. João é mestre do Baile de Congos de São Benedito de Itaúnas, grupo que foi criado e liderado por seu pai.

Segundo sua narrativa, ele começou a brincar como *congo* aos 14 anos no Baile de Congos de São Benedito do Bongado, onde seu pai também participava. Afirma que Pedro Bongado, que era o antigo mestre deste baile, ainda na antiga vila de Itaúnas onde o baile realizava suas “representações”, teria transmitido à vice-liderança do grupo ao seu pai. Com a morte de Pedro, sem consolidar a transmissão da liderança, o grupo do Bongado teria ficado um tempo sem mestre, e Antero passou a liderá-lo, mas devido aos desentendimentos relacionados à sucessão neste cargo, aliado ao soterramento da antiga vila e aos deslocamentos de parte dos congos para realizarem “representações” no município de Pedro Canário, Antero se recusou a festejar São Benedito em outro

município, saiu do Bongado e resolveu criar o Baile de Congos de São Benedito de Itaúnas, na atual vila.

A partir de então, Antero e integrantes da família Falcão, bem como seus aliados, demarcaram culturalmente o território da nova vila, realizando ali festas para São Benedito, onde construíram uma pequena capela para esse santo, e passaram a fincar na praça central da vila um mastro para São Sebastião.

Após a morte de Antero, a liderança do grupo foi assumida por seu filho João de Deus Falcão, que, no baile, desempenha também o papel do Rei de Congo, pois, segundo afirma, é este rei que “manda no baile”. Relata que primeiro foi congo, segundo foi secretário do Rei Congo e depois chegou a Rei Congo. Em uma supervalorização de um dos símbolos do baile, afirma que a espada que usa ali tem 300 (trezentos) anos, mas só depois de sua explicação entendi que esse tempo se refere aos símbolos espadas enquanto instrumentos de guerra, pois argumenta que as espadas do passado pertenceram ao seu avô paterno e que as atuais pertenceram ao pai de um antigo prefeito de Conceição da Barra, que foram doadas a Antero. Esse avô paterno era Messias Falcão, casado com Maria Clara Gouvêa, e, juntamente com o irmão dele Reinaldo Falcão, faziam parte do Baile de Congos de São Benedito do Bongado, dos quais também se considera herdeiro, inclusive do nome Messias.

Em 2020, segundo João, o Ticumbi de São Benedito de Itaúnas está com mais de 50 anos que foi criado na antiga vila e que ele também, atual mestre, está com mais de meio século como brincante de São Benedito. Afirma que atualmente conduz o baile para honrar e prestar continência à memória de seu pai, porque Antero liderava o baile de forma rigorosa, como se estivesse trabalhando profissionalmente. Posteriormente, um dos festeiros do baile e o próprio João, explicaram que tal rigor de Antero e a noção de trabalho relacionada ao baile, estavam associados aos compromissos espirituais que ele havia assumido com divindades de matriz africana na defesa do baile, e ele frequentava rigorosamente a um terreiro em Nova Viçosa, no sul da Bahia. Por isso, realizar ensaios e o próprio baile é entendido por João como “trabalhar para o santo” e, desde a época de seu pai, ao chegar a data e o horário dos ensaios, não importa o número de congos que esteja presente, os ensaios são realizados.

Ao falar da relação do baile de congos com a cultura quilombola, o mestre diz que o baile é difícil porque foram os negros que trouxeram da África e que “o baile de congos

pertencia aos negros escondidos”, isto é, aos quilombolas. Por isso, afirma que o Ticumbi é difícil, tem segredos e que preparar um secretário e um rei, seja de Congo ou de Bamba, demanda tempo para que estejam prontos para atuarem no Baile de Congos de São Benedito.

Quanto à sua sucessão no grupo, afirma que seu filho mais novo, um jovem que brinca desde os 13 anos e que em 2020 atuou no baile como secretário do Rei Congo, poderá, se quiser, ter o mesmo destino do pai, pois está preparado e tem responsabilidade para tanto. Cabe lembrar que, conforme observamos nos ensaios gerais e nos bailes apresentados em janeiro de 2019 e de 2020, este grupo, em número de 18 (dezoito) integrantes, conta com jovens em sua maior parte. Em janeiro de 2020, no decorrer da missa de São Benedito, João Falcão apresentou sua aposentadoria na liderança do baile e anunciou seu filho caçula como o novo do mestre. O padre Dário Silva realizou uma bênção especial ao novo mestre, solicitando que São Benedito e Jesus Cristo fossem seus guias.

O ensaio geral do grupo ocorre todos os anos na noite de 17 de janeiro, no sítio do senhor Rives Campos e de dona Beatriz Campos Souto, distante cerca de 10 quilômetros da vila de Itaúnas, onde reúne mais de duas mil pessoas. Observamos o ensaio que ocorreu nas noites de 17 para 18 de janeiro nos anos 2019 e 2020. Nele, além das comidas e bebidas comercializadas nas barracas instaladas por integrantes da família de Rives, e sob a liderança da família do mestre João Falcão é servido um jantar, em que o prato principal é um churrasco de carne bovina. Para tanto, segundo o mestre, além dele e sua esposa desembolsarem parte dos valores retirados de suas aposentadorias, ele recorre ao auxílio de algumas pousadas de Itaúnas, que colaboram para a compra da carne.

No dia 18, por volta de 07 horas, o grupo deixa o sítio e desce o rio Itaúnas em barcos levando a imagem de São Benedito, chegando à vila por volta de 08 horas, onde realizam cortejo pelas ruas levando a imagem, cantando, tocando pandeiros e soltando fogos para o santo⁴. Entram na igreja de São Sebastião, onde prestam sua homenagem, e, em seguida, o cortejo segue para a capela de São Benedito, e ali deixam a imagem do santo preto. No mesmo dia 18 de janeiro, por volta das 17 horas, fazem novo cortejo

⁴ Além de um uniforme próprio, o grupo tem instrumentos musicais como pandeiros de tarraxa, duas violas e uma sanfona.

saindo da capela de São Benedito levando a imagem de São Benedito e o mastro com uma bandeira de São Sebastião, fincam o mastro na praça central de Itaúnas, onde hasteiam a bandeira do santo. Em 19 de janeiro, um dia antes da festa de São Sebastião, ao lado da pequena capela, há mais de 50 anos é celebrado o Baile de Congos de São Benedito e há cerca de 20 anos é celebrada a missa do mesmo santo. Para celebrar tal missa, a família Falcão estabeleceu um acordo com o padre negro Dário Silva, Salesiano, que comparece todos os anos para realizar tal celebração e apoiar o grupo de devotos do santo preto.

Segundo João Falcão, na antiga vila que foi soterrada, nas datas de 17, 18 e 19 de janeiro, ocorria a celebração liderada pelo Baile de Congos de São Benedito do Bongado, inclusive a fincada do mastro no dia 18 era do referido grupo. No entanto, ao passar a celebrar no município de Pedro Canário, deixou um vácuo na nova vila que foi ocupado pelo grupo recém-criado, denominado Ticumbi de São Benedito de Itaúnas. Um dos símbolos que demarcou a memória da antiga vila como um lugar dessa celebração do Baile de Congos de São Benedito do Bongado, foi o mastro que ficou soterrado e por muitos anos apenas uma parte de sua ponta aparecia sobre a superfície da areia. Podemos dizer, nos termos de Pollak (1989), que esse é mais um dos elementos da memória subterrânea dos congos e de seus familiares em Itaúnas que não desapareceu e nem foi esquecida, mas que em momentos propícios vem à superfície.

Além das espadas já mencionadas, o mestre exhibe com orgulho outros objetos, imagens e fotografias que pertenceram ao seu pai, e que agora são interpretados como tesouros do passado guardados como meio de conexão entre os congos do presente e do passado. Esses símbolos, juntamente com outros como as coroas, capacetes e parte da indumentária do grupo, ficam guardados na referida capela de São Benedito. A capela e o seu entorno também podem ser interpretadas como lugares de memória e de práticas culturais do grupo, pois ali guardam também o mastro e, como dissemos, celebram o baile de congos.

As cantigas do grupo e as fotografias guardadas pelo mestre são disparadoras da memória, pois para os moradores da atual vila, algumas dessas cantigas funcionam também como elementos acionadores e exumadores de fatos, lugares e pessoas que existiram na antiga vila soterrada. Os momentos de reuniões coletivas para os ensaios do Baile, da descida em canoas pelo rio Itaúnas e do cortejo pela vila levando as

imagens são acionadores de memórias-saberes herdados de seus antepassados, pois as emoções vividas nesses momentos remetem os congos e seus familiares para um encontro emotivo com seus avós, pais e tios levando-os à criatividade e aos fazeres poéticos ou a lembrarem das criatividades de seus antepassados.

Ôh na descida da canoa, eu vi uma linda igreja.
Na descida da canoa, eu vi uma linda duna.
É São Benedito do Ticumbi lá de Itaúna,
É São Benedito do Ticumbi lá de Itaúna! Êêê...

5. O Baile de Congos de São Benedito do Angelim e as memórias do mestre

Caboclinho

“O ticumbi é uma tradição na vila. O ticumbi pra nós é uma religião! Então, eu acho que isso aí a gente tem que preservar. Porque é uma brincadeira muito séria”. (Caboclinho, Itaúnas, 16/12/2018).

Desde 2005, ano de criação do Baile de Congos de São Benedito do Quilombo do Angelim, Caboclinho (Ângelo Camillo) é seu mestre. Ele nasceu em 26 de abril de 1940, na vila de Itaúnas e, segundo afirma, ali sempre viveu, e onde desde os 12 anos “pratica a brincadeira do ticumbi” (nome popular do baile de congos).

Antes da criação do grupo liderado por ele, Caboclinho afirma que brincava no Baile de Congos de São Benedito do Bongado, que é o baile mais antigo de Itaúnas que, segundo ele, teria nascido no sertão e na antiga Fazenda do Barão de Timbuy, no século XIX, e que até meado do século XX era liderado por Pedro Bongado. Com o falecimento de Pedro, Pulchério Alves dos Santos (conhecido como Antero) criou o Baile de Congos de São Benedito de Itaúnas, onde Caboclinho brincou até a morte de Antero. Em seguida Caboclinho voltou para o Baile de Congos do Bongado, onde ficou pouco tempo, e a partir de então resolveu criar o Baile de Congos de São Benedito do Quilombo Angelim.

Quanto aos lugares e personagens relacionados às lembranças mais antigas sobre o baile de congos, verificamos que, segundo as memórias de Caboclinho, o primeiro mestre do Baile de Congo de São Benedito que surgiu na fazenda do Barão de Timbuy era um africano, que também era o guardião da imagem de São Benedito e do sino da capela do santo. Com o fim da escravidão, o mestre africano teria entregue a guarda do santo e do sino para uma jovem chamada Mariana, que era sua namorada. Mais tarde Mariana os entregou para a capela que existia na antiga vila de Itaúnas. Por isso, o Baile de Congos

que teria começado na senzala da Fazenda Itaúnas, tendo São Benedito como seu protetor, posteriormente, continuou com os quilombolas liderados pela família Bongado no sertão de Itaúnas que, por sua vez, realizavam “representações da brincadeira” em frente à capela da antiga vila, para onde foi levada a imagem do santo negro.

Quanto à relação de seus antepassados com os antigos escravizados na fazenda do Barão do Timbuy, Caboclinho afirma que embora seu pai fosse descendente de imigrantes italianos, sua mãe era negra e que sua avó materna, assim como suas tias avós, foram escravizadas na referida fazenda. Afirma que após o fim da escravidão, seu pai e seus tios paternos migraram para as terras da antiga Fazenda Itaúnas, e passaram a brincar no Baile de Congos de São Benedito do Bongado, resultando daí o namoro e o casamento entre seu pai e sua mãe.

O mestre entende que o ticumbi é uma brincadeira que exige dedicação e disciplina para aprender as partes das quais é composta, as embaixadas e as cantigas acompanhadas ao ritmo e ao som da viola. Lembra que no passado, no Baile de Congos do Bongado, além da viola e dos pandeiros, existiam outros instrumentos musicais, como a sanfona (que era tocada por seu tio Manoel) e o cavaquinho, que era tocado por Fernando do Caetaninho.

O mestre caboclinho, apesar de entender que **as mudanças** ocorridas na vida cultural da vila como inevitáveis, alimenta um forte saudosismo das tradições tais como ocorriam em sua juventude. A esse respeito, cabe observar que as mudanças nas tradições culturais fazem parte de uma dinâmica que é própria das relações estabelecidas entre as situações locais e as realidades translocais. Por isso, enfatizamos 05 (cinco) aspectos que provocaram mudanças nos modos de vida e na cultura das comunidades quilombolas do Sapê do Norte, nas quais se inserem as famílias que vivem no sertão de Itaúnas e aquelas que foram expulsas de seus territórios para viver na vila e nas periferias de Conceição da Barra e São Mateus.

1º) Por ser uma cultura tradicional dos pretos pobres e quilombolas do meio rural, Caboclinho entende que “na roça” havia maior interesse, que no meio urbano, dos jovens em aprender o Baile de Congos de São Benedito. Afirma que na época de Pedro Bongado, a tradição era que todos os ensaios deveriam ocorrer “na roça” ou “no sertão”, inclusive o Ensaio Geral (último ensaio), e os lugares desses ensaios eram as casas dos devotos. A tradição era que os devotos donos das casas deveriam oferecer comida e café

aos congos (brincantes) e, no Ensaio Geral, geralmente tinha muita contação de histórias e forró.

2º) As mudanças nesses modos de vida e tradições culturais foram provocadas por outras transformações socioeconômicas translocais decorridas de grandes projetos e empreendimentos econômicos no norte do Espírito Santo, como as monoculturas de eucaliptos e de cana para a produção de álcool, que tiveram fortes impactos nas tradições culturais dos quilombolas, entre as quais nos Bailes de Congos de São Benedito Ticumbi.

3º) As transformações têm ocorrido devido aos processos de interação social e à intromissão de agentes políticos e econômicos externos no meio ambiente e nas tradições culturais locais. Tais agentes, segundo o mestre, desprezam as tradições festivas locais e não levam em consideração os modos de acolhimento dos grupos que animam a vila nos dias da festa.

4º) O mestre entende que devido às transformações advindas com as tecnologias dos aparelhos celulares, que possibilitou o acesso às redes sociais, os jovens e crianças da vila não têm mais interesse em participar e aprender os saberes tradicionais relacionados ao Baile de Congos de São Benedito, que, apesar de ser chamado de “brincadeira”, requer dedicação e compromissos sérios para aprender, e os saberes e a devoção religiosa que estavam relacionadas a São Benedito e ao seu baile de congos, segundo seu ponto de vista, perdeu o sentido para as novas gerações. Por isso, as crianças e os jovens preferem participar de práticas culturais como as chamadas “rodas” de capoeira e de jongo, que são organizadas de forma mais flexíveis que os bailes de congos.

5º) O baile de congos é um ritual que tem dimensões políticas, pois em suas embaixadas (discursos dos reis e secretários) denunciam os acontecimentos que provocaram mudanças na vida das comunidades locais e que seus integrantes não concordam, como, por exemplo, a morosidade no asfaltamento da estrada que liga a sede de Conceição da Barra a vila de Itaúnas, que teve início em 2016 e até o início de 2020 ainda não havia sido concluído.

O mestre defende que só quem participa e conhece as culturas locais por longos anos percebe as mudanças ocorridas nelas, tanto às de ordem material, quanto imateriais. Em 2019, seu baile de congos contava com 16 integrantes, faltando dois para estar completo

e, devido ao fato de estar de luto pela morte do irmão do mestre, o baile realizou apenas uma breve apresentação na festa de Itaúnas.

O mestre entende que “brincadeiras tradicionais”, como os bailes de congos, necessitam de mais apoio dos órgãos públicos responsáveis pela cultura, inclusive destinados aos Ensaio Gerais, transportes, aquisição de instrumentos musicais, indumentária e decoração dos lugares das festas. Alega que para manter o seu baile de congos funcionando, paga de seu próprio bolso despesas de deslocamento dos componentes que moram na cidade de Conceição da Barra, e justifica sua ação no fato de ser “um devoto do santo” e gostar de fazer o baile dele.

Em 2019, existiam dois filhos e dois netos do mestre no baile. Relatou-nos ser o baile uma herança que havia recebido e que seu projeto era transmitir, ainda em vida, a liderança do mesmo a um de seus filhos. Em 2020, um desses filhos veio a falecer de forma trágica...

6. Festeiros/as e as motivações de seus ofícios

As/os festeiras/os e alguns brincantes tradicionais da vila de Itaúnas e das comunidades quilombolas têm em comum o fato de compartilharem os motivos pelos quais se tornaram festeiras/os e brincantes: eles/as e/ou seus filhos ou parente próximo foram acometidos por algum tipo de enfermidade e fizeram promessas, estabelecendo algum pacto com São Benedito, que se eles/as ou seus parentes ficassem curados se tornariam festeiras/os do santo enquanto pudessem e/ou vivessem. Como acreditam que seus pedidos foram e são atendidos e continuam recebendo sempre mais do que retribuem ao santo, permanecem atuando como festeiros/as nos Bailes de Congos de São Benedito. Cabe destacar que alguns festeiros são também brincantes no baile. Dentre os que estamos chamando de festeiras/os tradicionais estão os antigos moradores/as da vila e do sertão (meio rural e das comunidades quilombolas) de Itaúnas e são eles que estabelecem acordos com o santo.

Entre os/as festeiros/as tradicionais estão alguns nomes como: 1º) o casal Rives e Beatriz Campos Souto, proprietários de um sítio localizado há cerca de 10 km de Itaúnas, onde ocorre o Ensaio Geral do Baile de Congos de São Benedito de Itaúnas, quando atuam como festeiros do santo; 2º) O casal João de Deus Falcão e Ana Maria Falcão, sendo ele também mestre do Baile de Congos de São Benedito de Itaúnas, que

atuam como festeiros no Ensaio Geral e no almoço do dia do Baile de Congos propriamente dito; 3º) Maria Catarina Maia, moradora tradicional da vila, que é proprietária de um sítio no sertão de Itaúnas, e que é responsável para servir o jantar do dia do Ensaio Geral do Baile de Congos de São Benedito do Bongado e o almoço do dia da “representação” do baile na vila.

Entre os/as festeiros/as não tradicionais estão pessoas que mudaram para Itaúnas nos últimos 20 anos e que se integraram a vida sócio-cultural da vila atuando na colaboração com alimentos, transporte e/ou em ações sociais e políticas em favor de alguma melhoria aos moradores tradicionais e para a vila como um todo. Entre esses/as festeiros/as estão: a) o casal Anderson Lima e Simone Machado, que atuam cedendo o espaço de sua casa e quintal para os ensaios do Baile de Congos de São Benedito de Itaúnas e servem o jantar no dia do baile propriamente dito; b) Maria Inês Loureiro, assistente social e militante política, que mora na vila, e que atua como festeira servindo o jantar ao Baile de Congos de São Benedito do Quilombo Angelim, liderado pelo mestre Caboclinho, conforme observamos em janeiro de 2019.

Enquanto o grupo dos festeiros tradicionais tem motivações religiosas para atuarem como festeiros, em função de suas crenças nos poderes de São Benedito; o grupo dos festeiros que vive a vila a pouco tempo, tem construído suas motivações baseadas na solidariedade social e política com os festeiros e brincantes tradicionais do santo.

Considerações

Desde a década de 1990, venho obtendo relatos de mestres e lideranças locais do que pode ser definido como uma consequência histórica de políticas públicas para impactarem negativamente às comunidades quilombolas. Relataram de que na década de 1940, o Estado passou pressioná-los e a exigir que as famílias realizassem a aquisição junto às agências do próprio Estado das terras devolutas sobre as quais viviam. Os que não dessem conta de tal aquisição deveriam liberar as terras para que outros interessados realizassem tal aquisição. Nisto, muitas famílias quilombolas, que viviam nas mesmas terras desde as gerações de seus bisavós e avós tiveram as primeiras expropriações das terras tradicionalmente ocupadas. Isso foi o que aconteceu com muitas famílias quilombolas que viviam no sertão de Itaúnas.

Na década de 1960, conforme relatam, passam a se instalar na região norte do ES, as empresas de plantio e monocultivo de eucaliptos. Essas empresas contrataram militares para pressionar as comunidades a venderem suas terras. Em muitos casos existiam atravessadores nas relações de compra e venda, pois nem sempre eram as próprias empresas as compradoras direta, pois arrumavam pessoas físicas que realizavam as compras direta das famílias pela manhã e a tarde transferiam para a empresa.

Nas décadas de 1980 e 1990 ocorreram os avanços das empresas de cultivo de cana para a produção de álcool e, para em seguida, vir as instalações das usinas da produção de álcool. Muitas dessas empresas passaram a propor o arrendamento das terras das famílias quilombolas, o que ocorreu principalmente no município de Conceição da Barra e Pedro Canário, extremo norte do ES.

Tanto o eucalipto quanto a cana devastaram as matas da região, provocando uma desertificação humana e ambiental, afetando o sistema de abastecimento de água e a produção de alimento das comunidades quilombolas, forçando-as, cada vez mais, a deixarem seus territórios. As comunidades tiveram seus modos de vida e modos de celebrações festivas afetadas.

Derrubada e envenenamento dos dendezeiros pelos agentes empresariais do eucaliptos e da cana-de-açúcar tiveram efeitos na alimentação e nos rituais religiosos. Os dendezeiros estão localizados às margens dos rios Angelim Itaúnas, onde se encontram pequenas faixas de matas ciliares. Dendezeiros são narrados como símbolos de resistência cultural e como meios de sobrevivência, pois deles se produz o azeite, o sabão e gera-se renda para as famílias.

Antes da chegada dessas empresas, as famílias quilombolas mantinham costumes tradicionais de criação de animais como porcos e gado soltos nas terras ocupadas no Sapê do Norte. A perda das terras teve consequências na dieta e alimentação dessas famílias, bem como em seus costumes relacionados às festas e ladainhas religiosas, onde eram oferecidos como alimentação aos visitantes carne de porcos e de gado. Com isso, ocorreram as migrações forçadas para os meios urbanos e que tiveram impactos para as festas: o caso dos ensaios dos bailes de congos de São Benedito e a relação com as famílias do meio rural, como observamos nas memórias dos mestres.

Referências

BERTAUX, Daniel. **Narrativas de vida** - a pesquisa e seus métodos. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

MAXIMILIANO, Príncipe de Wied Neuwied. Viagem ao Brasil. São Paulo: Nacional, 1940.

NORA, Pierre. Entre Memória e História, a problemática dos lugares. Tradução Yana Aun Khoury. In: Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-graduados de História. Programa de Pós-Graduação de História da PUC-SP. v. 10 (1993) ISSN 2176-2767 disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/issue/view/851/showToc>

OLIVEIRA, Osvaldo M. Quilombos e demarcadores de identidades: análise sucinta de três casos no estado do Espírito Santo. *Ambivalências*, vol. 4, 2016, p. 10-41. Disponível em <http://www.seer.ufs.br/index.php/Ambivalencias/issue/view/475>

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: Estudos Históricos, RJ, vol. 5, n. 10, 1992: 200-212.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: Est. Históricos, RJ, vol. 5, n. 10, 1989, p. 3-15.

RUSSO, Maria do Carmo de Oliveira. Cultura política e relações de poder na região de São Mateus: o papel da Câmara Municipal (1848/1889). Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do CCHN/UFES. Vitória, ES: 2007.